

Cardoso Pires visto por João Abel Manta: o catedrático libertino na ensinância da Cartilha

João Abel Manta tem o con-
dão da minúcia em doses im-
pediosas capaz de reunir uma
atrevida e teimosa ostentação
dos fundamentos exactos do
real quotidiano: muros desen-
hados à régua, sombras
(mesmo a das personagens ri-
diculamente não-exactas) le-
vantadas em perspectiva com
pontos de fuga matemáticos,

panos (mesmo que cobrindo
seres vivos de inexacta pre-
sença) descritos fibra a fibra
como num cartão ampliado
para uso dos teares — uma
ostentação, enfim, de funda-
mentos exactos extremamen-
te denunciativos do gosto do
rigoroso, ou seja, do estilo
antiprovinciano.

O seu desenho repudia a

OS DESENHOS de João Abel Manta

Por José Cardoso Pires

caricatura não pela força do
pormenor mas porque é de
traço «fino», como o das agu-
lhas das tatuagens que mar-
cam o homem dolorosamente
e para sempre. E desdenha
do sarcasmo porque o sarcas-
mo envolve, regra geral, despe-
ito e ironia saturada — e
de ironia também a má pin-
tura, e a má literatura, e a
má política, têm a sua parte.

João Abel tem outra coisa.
A travessura perigosa, talvez.
Um desenho dele, um dos
mais «divertidos» que seja
— caligráfico, pacientemente
inactual, pirâmide de mil
e tantas simbologias criadas
e decifradas a longo prazo,
Goya mais Steinberg, tudo
isso, já sei — um desenho
dele lembra-me um menino
de muitas graças, em passa-
tempo de família, num tra-
pézio colocado a metro e meio
de altura sobre um tanque de

nitroglicerina. O mais pequen-
o descuido pode ser a morte
da família e a salvação do
menino.

Quem vê os burgueses de
cartola e de barbas honradas
e instalados na «condição que
lhes compete»? Ou tratar-
se-á então de uma elegia dos
valores de um mundo em equi-
líbrio estável?

Não. Nem crítica prag-
mática aos contrastes do mun-
do, nem elegia de um mundo
sem conflitos. As evidências
de João Abel são terrivel-
mente mais profundas e uni-
versais. Uma colecção dos
seus desenhos é um cadastro
simbólico do homem de pres-
tígio provincianos, abstrac-
tos, uma paisagem mítica que
a moral doméstica desejaria
contemplar na sala de estar
depois do café e da segunda
leitura do *Diário de Notícias*.
Desejaria — se não fosse um
certo clima ameaçador que a

envolve, um certo travo a
brincadeira que pode sair ca-
ra. Porque quanto ao mais,
tudo como deve ser: andai-
mes lineares, objectos que «se
percebem» e sem fantasias de
«modernices» (no dicionário
caseiro), estruturas materiais
impecáveis, operários a uma
distância decente, burgueses
no quadro próprio, com o
chefe patriarcalmente senta-
do e a respectiva esposa sub-
missamente de pé... e a uma
ponta, em primeiro plano, um
cidadão do máximo respeito
indicando com o ponteiro a
base da harmonia em socie-
dade: as leis de Mendel, as
virtudes dos cromossomas —
numa palavra, a Razão de
Sangue, a razão dos privilé-
gios marialvas.

Reconhece-se por conse-
quência uma crítica de pers-
pectiva ambiciosa ao univer-
so conceptual do cidadão

provinciano. Nem Eça, longe
disso, nem o próprio Pessoa,
denunciaram tão ousadamen-
te como João Abel o anacro-
nismo dessa organização men-
tal. Nem conheço crítico ou
estudioso que tivesse prova-
do, como ele provou com as
suas ilustrações para a *Carta
de Guia de Casados*, a desca-
belada moral marialva do
bem-falante D. Francisco Ma-
nuel de Melo.

«A uns certos casados que
andam ausentes de casa, em
viagens...»

Claro. Mulher fraca, ho-
mem atento. Os «Desastres do
Marialva», que são afinal a
lição dos desenhos de João
Abel Manta para a *Carta de
Guia*, mostram-se ainda aqui
incisivos e sintomáticos. Em
vez de um, dois personagens:
o escritor, o prudente dis-

creto, e o elemento extra, pro-
tagonista da exclusiva res-
ponsabilidade do ilustrador:
um mafarrico acriançado que
tira a língua ao cenário grave
da paz provinciana e, coisa
terrível, que espeta dois de-
dos na testa a insinuar amea-
ças pouco agradáveis aos ma-
ridos compenetrados do seu
alto papel.

Figurinha minúscula, ape-
nas inconveniente na mancha
do texto, mas assim mesmo de
incomensuráveis poderes, este
monstro do pesadelo marialva
(«O sono da Razão engendra
monstros» — Goya) tem a
suma capacidade de ser exac-
to, inteligente e imaginativo,
e jogador hábil na exploração
dos ridículos. Uma presença
libertina, para dizer tudo, na
reposada sensatez dos concei-
tos de D. Francisco Manuel
de Melo.

O marialva, como não po-
dia deixar de ser, vive em
perpétuo sobressalto com as
traquinices deste diabo do
lar. Por cima de tanta auto-
ridade, tanta fanfarronice de
mundo, tanto bom senso do-
méstico, ei-lo que espreita.
E de que maneira. Apontando
dois dedos como quem aponta
chavelhos.

Está visto que coisas desta
importância não podiam pas-
sar em branco, e a *Carta* é
bem clara nesse ponto. Lá
vem:

«Sofra o marido à mulher
tudo senão ofensas; e a mu-
lher ofensas e tudo.»

Traduzindo em linguagem
do foro: *jus utendi et abu-
tendi* — o direito de usar e
abusar, pura e simplesmente.
O machismo, fundado na fi-
delidade da esposa e na sobe-
rania até polígama do pater-
famílias, tem um dicionário
muito próprio. Adulterio é
toda a infidelidade da mu-
lher. E disse.

Mas nunca fiando. Em dú-
vida — «em dúvida», esta
expressão tão querida de D.
Francisco Manuel — em dú-
vida fique assente que com-
pete ao homem prevenir e
defender a mulher fraca. Cui-
dado com os criados, cuidado
com as coscuvilheiras. Em
casa, austeridade, vigilâncias,
quarentenas. Em sociedade,
olho atento, moderação nas
graças e nos atavios.

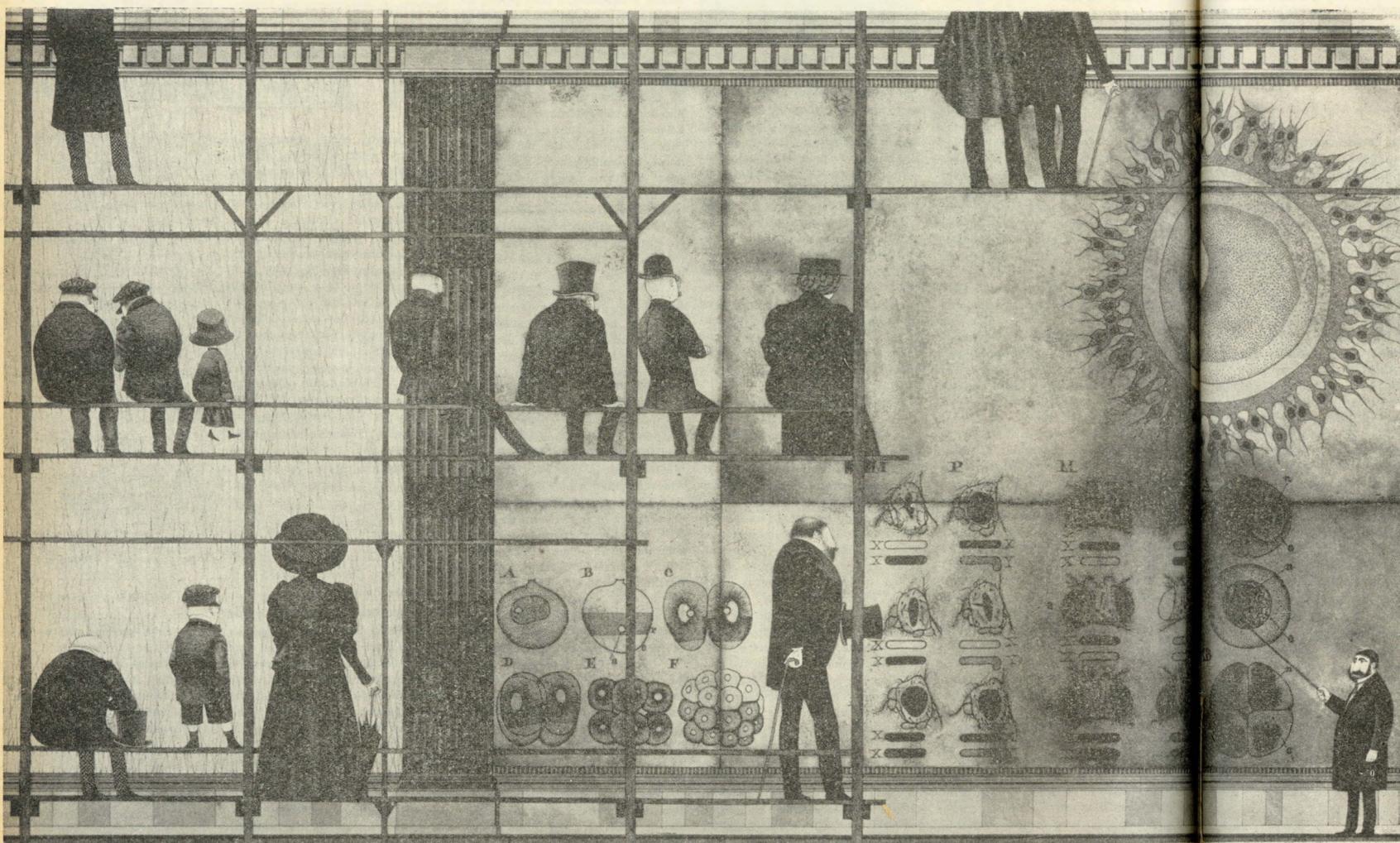
«Não me posso escusar de
dizer duas palavras a uns cer-
tos casados que andam ausen-
tes de casa em viagens e jor-
nadas, deixando as mulheres
moças e às vezes bem desam-
paradas.»

O mafarrico libertino ri-se
do conselho? Não importa, o
marialva tem já à mão outra
receita. Outra, outra, e mais
outra. Doutrina não lhe falta.
Coisas como esta:

«Há homens fáceis em mos-
trar a seus amigos sua mu-
lher. E suposto que esse cos-
tume diz simplicidade de âni-
mo e é usado entre os estran-
geiros, todavia não hoje está
o mundo para que um só
queira ser esse simplicíssi-
mo.»

Tudo previsto, tudo catalo-
gado. Mas o diabinho ronda.
Abrem-se as ordenações ma-
rialvas de D. Francisco Ma-
nuel de Melo e, na portada,
ele, o diabo. Como um ex-lí-
bris. Consulta-se a prosa, e
não se está livre de o ver sal-
tar a par e passo, correndo
por cima de discursos e sen-
tenças, encavalitando-se nos
parágrafos, à cabeça da pá-
gina, nas margens, no rodapé,
maior aqui, mais pequeno aco-
lá. E, Jesus, sempre de dedos
espetados na testa.

(In «Cartilha do Marialva»)



Ao lado: «...e a uma ponta, em primeiro plano, um cidadão do máximo respeito indicando com o ponteiro a base da harmonia em sociedade: as leis de Mendel, as virtudes dos cromossomas — numa palavra, a Razão de Sangue, a razão dos privilégios marialvas»; em cima, à esquerda: «...um mafarrico acriançado que tira a língua ao cenário grave da paz provincial(...) uma presença libertina, para dizer tudo, na reposada sensatez dos conceitos de D. Francisco Manuel de Melo»; em cima, à direita: «Figurinha minúscula, apenas inconveniente na mancha do texto, mas assim mesmo de incomensuráveis poderes, este monstro do pesadelo marialva (...) tem a sua capacidade de ser exacto, inteligente e imaginativo, e jogador hábil na exploração dos ridículos.»